



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

A INTERFACE ENTRE HOMOAFETIVIDADE E A PSICANÁLISE: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

Edson de Souza Lima; Sandra Carolina Farias de Oliveira

Faculdade Estácio do Recife – edsonlima88@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho visou analisar as concepções e teorias de Freud referente à sexualidade específica daqueles com orientação sexual classificada atualmente como homoafetividade. Esse tema surge dos estudos iniciais sobre o princípio da teoria de psicanálise e o interesse em aprofundar os conhecimentos nas questões da sexualidade desenvolvida a partir das ideias excêntricas entre o final do século XIX e início do século XX com repercussões psicológicas, filosóficas, políticas e sociais no contexto contemporâneo. Desse modo, ancora-se este estudo nos trabalhos de Freud (1905), Vieira (2009), Barrocas (2008) e Ceccarelli (2008). Partindo da revisão sistemática dos autores, pode-se observar que as formas de pensamento da religião predominante ainda contribuía no senso comum da época e alguns parâmetros dos desvios eram utilizados por pesquisadores para tentar explicar na base científica o que caracterizava alterações repudiáveis no campo da sexualidade, porém pouco disso se torna fundamento na psicanálise em ascensão. A interface da homoafetividade compreendida na época do início da psicanálise em comparação os entendimentos atuais da sexualidade representam uma grande modificação do comportamento humano, principalmente na despatologização e os direitos humanos adquiridos por meio das lutas sociais. Enfim, os processos psicológicos marcados atualmente por preconceitos e discriminações outrora sem motivo aparente podem ser explicados a partir de concepções das teorias/ideias desenvolvidas através dos tempos, por isso apreender especificamente como Freud repercutiu entendimentos compreensíveis na sua história e as descendências desses pensamentos na atualidade colaboram na cultura LGBT por embasar o desenvolvimento biopsicossocial do ser humano em conflitos ou não com mudanças na estrutura heteronormativa.

Palavras-chave: homossexualidade, psicanálise, Freud, psicologia.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Introdução

Por muito tempo, o gênero e orientação sexual eram considerados assuntos inquestionáveis com repressões severas para tentativas de alterações na realidade da cultura hegemônica heterossexual. Isso ocorria por favorecer a reprodução do sistema ideológico daqueles detentores do poder político e econômico. As questões de gênero foram marcadas culturalmente por interpretações unifocais da representação apenas, das diferenças e afinidades entre homens e mulheres. Então, motivava-se o desenvolvimento da sexualidade pautado num fator exclusivo, sexo biológico. (LOURO, 1997).

Partindo desse pressuposto, pode-se observar que no período de Freud, final do século XIX e início do século XX, as ideologias defendidas preconizavam a homossexualidade como um aspecto doentio do ser humano, permanecendo dessa forma até a década de 1980 ao ser retirado pela Organização Mundial de Saúde – OMS. Naquele tempo, onde se desenvolveram nomenclaturas para classificar as identidades sexuais surge, concomitantemente, uma forma normativa, subscrita pelos valores morais ocidentais para viver de maneira limitada a sexualidade. (CECCARELLI, 2008).

E, no século XXI, o termo homossexualidade designado para enquadrar as pessoas com o pressuposto da sexualidade passa a ser pouco empregado e surge o termo homoafetividade para ampliar a discussão das relações afetivas vivenciadas entre pessoas do mesmo sexo.

Esse debate tem profundo sentido no contexto do século XXI em decorrência das múltiplas propostas de entendimento da sexualidade humana, cada vez mais ganhando visibilidade manifestações de desejos, vivências, práticas e demais comportamentos diferentes do padrão estabelecido. Por isso, esse trabalho objetiva analisar as contribuições de Freud, um dos precursores dos estudos da sexualidade e suas diversas abrangências, quer seja em neuróticos ou histéricos, quer seja em homens, mulheres e crianças, na compreensão das diferenças da homossexualidade sem subverter a obra original e com as análises de outros autores sobre a temática.

Além disso, nos estudos de Freud objetivou-se diminuir os preconceitos e sentimentos de ódio à comunidade LGBT por dialogar explicações científicas na área de psicanálise dentro dos momentos de reflexão dos estudos perpassando mitos da sexualidade e, por fim, na formação de propor encaminhamentos adequados.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

METODOLOGIA

Nessa pesquisa foi utilizada a pesquisa bibliográfica que de acordo com Gil (2002) se caracteriza como: “pesquisa desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. (p.44). Para isso, procurou-se investigar os estudos de teóricos nacionais que contemplam a temática desenvolvendo um diálogo entre Freud (1905), Vieira (2009), Barrocas (2008) e Ceccarelli (2008). Estes três últimos, produziram elementos relevantes no desenvolvimento da discussão da homossexualidade afirmado pelo primeiro autor, sobretudo numa visão da ciência psicanalítica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Vieira (2009), o contexto da criação da psicanálise fazia parte do movimento higienista com tendências claras na busca de identificar os aparecimentos e causas da homossexualidade para enquadrar a heteronormatividade. Ao mesmo tempo, Barrocas (2008) fala que não podemos condenar a forma de pensar que evidencia primeiro à norma social do modelo estabelecido em que coincide o sexo biológico e anatômico, porém outros critérios são importantes para superar a ambiguidade do normal e do patológico.

Para Freud (1905), a questão da homoafetividade, muitas vezes, dita como “inversão”, poderia ser observada num número considerável de pessoas, caso não fosse criminalizada, ou seja, como a prática homossexual não é criminalizada, várias pessoas adotam tal comportamento satisfazendo plenamente às inclinações sexuais. Nesse mesmo sentido, Barrocas (2008) afirma que Freud explicava a homossexualidade em duas ordens, sendo a primeira na qual o indivíduo sofre uma castração psíquica, se situando como mulher na identificação com a mãe e sendo passivo, tipo estereotipado dos efeminados. Ou, o homem poderia ser homossexual identificando com outro igual partindo inclusive da ideia do amor ao pai.

Ceccarelli (2008) defende a ideia de que o ser humano é marcado pela vida social ao ser definido desde cedo o que é certo e o que errado quanto à homoafetividade também. Mas, a ideia da



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

teoria psicanalítica de Freud é evidente: “funções pulsantes e movimentos identificatórios que se deslocam, mais ou menos livremente, e que se manifestam nas escolhas objetais que sustentam as diversas expressões da sexualidade”. (p.89,90). Isso indica que a psicanálise não define uma normalidade, o que fora dito pelo próprio Freud (1908), mas todos os seres humanos possuem formas de exercer a sexualidade de diversas maneiras e um homem pode manifestar a escolha objetual em outro homem, caracterizando a homoafetividade.

Igualmente, temos que Barrocas (2008) apoia uma variação e não patologia referente a homoafetividade, e ao invés de concentrar os focos nos estudos de Freud em termos carregados de julgamento e condenação devido a cultura do tempo, deve-se entender os “fenômenos passíveis de observação latente: a escolha narcísica de si mesmo como objeto de amor, a abjuração da diferença genital feminina e a idealização da pulsão”.(p.112). Por isso, cabe entender a mesma inclinação da teoria psicanalítica em homoafetividade ser um fato regular em algumas pessoas como variação da sexualidade, sem obter aspectos negativos dessa mudança.

Por fim, Vieira (2009) explica as múltiplas versões para compreensão da homoafetividade concordando com os autores Barrocas (2008) e Ceccarelli (2008) porque Freud permite aos demais interpretar suas obras e no tocante a homoafetividade insere as questões da pulsão, identificação e escolha do objeto como elementos marcantes na definição da construção do gênero e orientação sexual, além de envolver objetivamente as variantes do complexo de Édipo, sendo esse o início das mudanças da escolha objetual.

CONCLUSÕES

A partir das discussões propostas pelos autores quanto à temática da homoafetividade nas obras de Freud pode-se observar que não existe uma patologia ou anormalidade na explicação da origem dos desejos sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Da mesma forma, é importante compreender que as pulsões, a identificação e a escolha objetual constitui característica comum de todos os seres humanos, onde revela a singularidade da história vivenciada para construção da orientação sexual e da identidade de gênero, elementos fundamentais do processo da sexualidade humana.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Definida a cultura heteronormativa, tenta impor pensamentos e sentimentos de ódio à comunidade LGBT por considerar uma “aberração” ou anormalidade o desejo entre pessoas do mesmo sexo, mas a ciência psicanalítica explica adequadamente que o ser humano possui formas diferentes de constituir sua orientação sexual, o que ocorre no desenvolvimento biopsicossocial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROCAS, Ricardo Lincoln Laranjeira. Investigação epistemológica das homossexualidades masculinas em Freud: uma perspectiva lewino-bruniana. **Bagoas: revista de estudos gays**, Natal, n.2, p.95-114, 2008.

CECCARELLI, Paulo Roberto. A invenção da homossexualidade. **Bagoas: revista de estudos gays**, Natal, n.2, p.71-93, 2008.

FREUD, S. (1969d). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago.(Originalmente publicado em 1905).

LOURO, Guacira. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma abordagem pósestruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

VIEIRA, Luciana Leila Fontes. As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana. **Revista Mal-estar e subjetividade**, vol. IX, n.2, p. 487-525, 2009.